

EDITORIAL

Que editorial para o primeiro número de Cadernos saído após a morte de Jorge Peixoto? Sem que o seu nome figurasse no elenco redaccional, foi para Cadernos muito mais que simples colaborador, nunca negando um apoio precioso e uma presença constante, apoio e presença que se afiguravam imprescindíveis.

Encarrega-se a morte de desfazer os mitos de imprescindibilidade, mas não conseguirá, contudo, apagar a falta, a lacuna deixada com o seu desaparecimento. Somos o que somos, damos o que podemos dar, mas fica-nos a interrogação: o que seríamos, onde chegaríamos, se continuássemos a ter o seu estímulo e a sua ajuda, que não só nunca negou, como se adiantava a prestar?

Foi mais do que um colaborador expresso, desde a primeira hora, quando um pequeno grupo de bibliotecários, lhe expôs a ideia de criar uma revista de especialidade; a ideia partira de Adelino Calado, e pretendia colmatar a grave falta que, neste campo das técnicas documentais, se fazia sentir; deixou que fossem os novos a assumir a responsabilidade, mas a sua adesão foi incondicional e as suas orientações, desde o conteúdo aos aspectos editoriais, logo se fizeram sentir.

Ter-se-ia mantido a determinação destes novos na profissão se a atitude tivesse sido outra? Ter-se-iam criado condições materiais para a implantação duma redacção de revista se, graças à sua influência e ao seu acreditar, a Biblioteca Geral da Universidade não tivesse concedido desde a primeira hora todas as facilidades?

Foi mais do que um colaborador expresso, ajudando os cadernos a serem e a reconhecerem-se como a Associação "avant la lettre"; era preciso que nós sentíssemos unidos como classe profissional, era preciso que deste sentimento se passasse a uma consciência da necessidade de valorização e imposição no meio, e se iniciasse uma luta, que viria a ser constante ao longo de muitos anos, para que fossem criadas condições dignas, inclusivamente as de ordem material.

Esta união, no que foi conseguida, foi-o muito à custa de encon

Editorial

tros, tantos à volta de uma mesa de almoço; à custa de reuniões sobre os mais variados temas e pretextos; à custa de passeios em conjunto; recordamos as idas a Alcobaca, Vila Viçosa, Berlengas, Figueira da Foz...

À Redacção de Cadernos, sobrecarregada com uma máquina editorial e burocrática à qual só podia dedicar, amadoristicamente, umas escasas horas para além do trabalho de obrigação, faltava, por vezes, a coragem para um acréscimo organizativo. A convicção de Jorge Peixoto na necessidade de uma união forte entre todos, e que era preciso alimentar, incentivou-nos ao longo dos tempos. Ainda nas vésperas da sua morte, aquando do Encontro de Braga, no qual já não pôde participar, mandou repetidamente um recado: que combinássemos um almoço onde nos encontrássemos despreocupada e fraternalmente; sugeria Santarém, onde, à altura, se encontrava uma colega, por força das circunstâncias um tanto isolada...

Foi mais do que um colaborador expresso; não saíram assinados os editoriais, que, embora discutidos e assumidos pela Redacção, se lhe devem em grande maioria, facto por todos sabido; editoriais que marcaram o rumo às duas grandes metas já referidas: a valorização profissional e a luta pelos interesses da classe.

A valorização, que se pedia a todos e a cada um, num esforço de estudo, de especialização, evitando a dispersão por actividades não profissionais diversificadas; valorização que exigia a reforma dos cursos existentes e a criação de outros, nomeadamente para pessoal auxiliar.

Os interesses da classe, numa atenção a tudo o que se ia passando no país, nomeadamente uma atenção crítica à legislação que lhe dizia respeito; uma luta constante para que em matéria de remuneração os bibliotecários e arquivistas fossem equiparados aos técnicos de Estado. Se quisermos acreditar que agora está para breve essa justa equiparação, não esqueçamos que ela é terminus de persistente luta e actuação, na qual Jorge Peixoto e Cadernos tiveram um papel que não mais pode ser esquecido; não esqueçamos também, numa fidelidade ao seu espírito, que este terminus deverá ser um começo ou um reforço na linha de maior responsabilidade e de valorização profissionais.

O que Jorge Peixoto deixou escrito, nos Cadernos e fora deles, comunicava-o, a propósito de tudo e de nada, com palavras ou sem elas, na própria maneira que tinha de viver a profissão.

A falta que faz aos Cadernos é a falta que faz a cada um de nós; é um facto que reconhecemos, mas que nos deve deixar numa atitude positiva, assim ainda no-lo merece. Sintamos que o podemos substituir se ca

da um se valorizar, se especializar, se alimentar em si o mesmo espírito de luta; se todos no tal sentido de união, nos dispusermos a caminhar em conjunto.

Confiamos na Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas que congrega e estimula; Cadernos estarão atentos ao que ainda neste sentido lhe couber fazer.

Morreu Jorge Peixoto; fica-nos a grande responsabilidade duma obra a continuar.